



1927-2015

José Vilhena, o libertino libertário

Nasceu em 1927 em Figueira de Castelo Rodrigo e aos 10 anos mudou-se para Lisboa. Fez a tropa no Porto, onde cursou Belas Artes. Regressado à capital, passou a fazer a cabeça em água ao Estado Novo

NOS FINAIS DA DÉCADA DE 1950, os leitores do *Diário de Lisboa* foram surpreendidos pela publicação de umas anedotas ilustradas (hoje diríamos cartunes) de traço firme e muito próprio. O protagonista desses instantâneos de um quotidiano cinzento era um tristíssimo «Senhor Pascoal», atormentado pela sedução e pelos gastos materiais de curvilíneas mulheres tentadoras. Os desenhos eram assinados simplesmente por «Vilhena». O nome já se tornara conhecido dos leitores do quinzenário humorístico *O Mundo Ri*, de que José Vilhena fora, anos antes, um dos fundadores.

Em tempo de ditadura e de censura, a angústia do «Senhor Pascoal» só podia exprimir-se através do

lugar-comum sexista. A grande dor dos portugueses era, no entanto, outra, e Vilhena teve, ao longo da década de 1960, a coragem de a transmitir na medida do possível, em mordazes livrinhos de texto e ilustração rapidamente apreendidos, como *História Universal da Pulhice Humana*, *Manuel de Etiqueta*, *Elogio da Nobreza* e muitos, mais. Frequentemente incomodado pela PIDE, conheceu como lobo solitário os interrogatórios e a prisão, mas nunca desistiu, e depois do 25 de Abril de 1974 pôde enfim dar largas à sua liberdade e completa independência, lançando, a solo, as sucessivas revistas de sátira política, libertinagem sexual e humor pesado *Gaiola Aberta*, *O Fala Barato*, *O Cavaco* e *O Moralista*. Conheceu a «glória» quando a princesa Carolina do Mónaco lhe moveu um processo por não ter apreciado uma fotomontagem em que surgia.

Era um revolucionário? Talvez não, mas revolucionou a dormência de um país tristíssimo. Fez, sozinho, a revolução que estava ao seu alcance, como um cowboy insolente ou um gentleman gatuno. Foi um gato fedorento sem a luz dos holofotes e o olho das câmaras. Morreu no passado dia 3, véspera de eleições. Em dia de reflexão, mereceu – e continua a merecer – o nosso pensamento simpático. Luís Almeida Martins